

A INFLUÊNCIA MARXISTA NA OBRA DE DON L: UMA ANÁLISE DE *ROTEIRO PRA AÏNOUZ, VOL II*

José Alcides Hora Neto²

Resumo: No presente trabalho, detalharemos a influência do marxismo na obra do rapper cearense Don L, sobretudo no seu álbum mais recente: *Roteiro Pra Aïnouz, Vol II* (2021). Entendemos que esta obra concretiza algumas tendências que já se apresentavam nas músicas do artista em questão. Como se sabe, em trabalhos passados, Don L já havia realizado menções ao marxismo, mas sempre o tratava como uma incerteza ou uma contradição. Entretanto, no último álbum, o artista assume que é “muito mais guerrilheiro que MC” e levanta a voz em prol de um projeto de revolução socialista para o Brasil. Nesse sentido, pretendemos traçar a cronologia da influência do marxismo na obra do rapper nordestino, bem como destrinchar as letras do *RPA, Vol II*. Com isso, pretendemos elucidar que o comunismo se tornou uma proposta revolucionária plausível para o nosso artista por conta do trabalho realizado pelos *influencers* marxistas nas redes sociais, como, por exemplo, Jones Manoel, Sabrina Fernandes e Thiago Torres (Chavoso da USP). Desse modo, poderemos fornecer um panorama geral da visão política do nosso artista, o que possibilitará que entendamos a potência e complexidade com que o *RPA, Vol II* contribui tanto para a cena do rap quanto para o debate político brasileiro.

Palavras-chave: Don L; marxismo; Roteiro Pra Aïnouz, Vol II; comunismo; revolução.

Abstract: In this paper, we will look at the influence of Marxism on the work of rapper Don L, especially on his most recent album: *Roteiro Pra Aïnouz, Vol II* (2021). We believe that this work concretizes some tendencies that were already present in the music of the artist in question. As we know, Don L has mentioned Marxism in past works, but he always treated it as an uncertainty or a contradiction. However, on his latest album, the artist assumes that he is “much more guerrilla than MC” and raises his voice in favor of a project of socialist revolution for Brazil. In this sense, we intend to trace the chronology of the influence of Marxism on the work of the northeastern rapper, as well as unraveling the lyrics of *RPA, Vol*

² Mestrando em Filosofia pelo Programa de Pós-graduação em Filosofia da Universidade Federal de Sergipe (PPGF-UFS). Orientado pelo Prof. Dr. William de Siqueira Piauí (DFL/PPGF/UFS). E-mail para contato: josealcidesufs@gmail.com.

II. With this, we intend to elucidate that communism became a plausible revolutionary proposal for our artist because of the work done by Marxist influencers on social networks, such as Jones Manoel, Sabrina Fernandes and Thiago Torres (Chavoso from USP). In this way, we will be able to provide an overview of our artist's political vision, which will enable us to understand the power and complexity with which RPA, Vol II contributes to both the rap scene and the Brazilian political debate.

Keywords: Don L; Marxism; Roteiro Pra Ainouz, Vol II; communism; revolution.

Você tem que entender que enquanto você não for capaz de contar a sua história, sua história vai virar uma piada na boca do diabo. Sua história vai virar uma peça teatral pro diabo apresentar e fazer você chorar. Agora, no dia que você fizer as pazes e contar e morreu, eu morri mesmo, mas você tem que lembrar: o terceiro dia ressuscitei, eu vivo, é a minha história, eu carrego ela, quem tá me entendendo levanta a mão, abre a boca e dá o glória da vitória. (RPA, 2021).

É com esta pregação que se inicia *Roteiro Pra Ainouz, Vol II* (2021), o terceiro álbum do rapper cearense Don L. Este discurso, num primeiro momento, pode parecer direcionado para incitar a auto aceitação meramente no plano individual, no sentido de não termos vergonha de reconhecer os nossos erros e nem menosprezar as nossas conquistas. Contudo, após vivenciarmos a experiência estética que este álbum proporciona, as palavras do pastor ganham um novo sentido e se torna inegável que a mensagem em questão possui um caráter muito mais coletivo do que individual. Trata-se de assumir com orgulho o legado da luta política revolucionária, sobretudo dos movimentos anticoloniais e socialistas.

Nesse sentido, não consideramos exagero afirmar que a força motriz que move *RPA Vol. 2* é a superação da autofobia na esquerda socialista³. Não é nenhuma novidade identificar que mesmo pessoas que simpatizam com as ideias comunistas tendem a demonizar, ou ao menos desconfiar, de boa parte das experiências do socialismo real, como foi no caso da União Soviética, Cuba, China e Coreia do Norte. Em alguma medida, essa é uma posição assumida com certa naturalidade, talvez porque, como a história é contada pelos vencedores,

³ Entendemos que Don L se apropria do debate estabelecido por Jones Manoel acerca da autofobia na esquerda socialista, sobretudo nos moldes em que a discussão aparece no texto *Autocrítica ou anticomunismo? Aportes teóricos para compreender a autofobia na esquerda brasileira* (2019). Disponível em: <https://revistaopera.operamundi.uol.com.br/2019/03/20/autocritica-ou-anticomunismo-aportes-teoricos-para-compreender-a-autofobia-na-esquerda-brasileira/>. Acessado em: 08/05/2024.

os comunistas foram caracterizados como inimigos da democracia e da liberdade, e tão nocivos quanto nazistas, se dermos crédito à *teoria da ferradura*⁴.

Por essas e outras, é comum ouvirmos opiniões que, mesmo valorizando o legado teórico de Karl Marx, fazem questão de deixar claro que, na verdade, o socialismo nunca existiu e que o seu pensamento foi deturpado quando a teoria foi efetivada na política concreta. Não se trata, no presente trabalho, de expressar uma posição pessoal definitiva acerca de polêmicas como essa, mas tão somente de mostrar como Don L se apropriou do conhecimento divulgado pela onda de comunistas que ocuparam as mídias sociais⁵ para produzir o *RPA 2*. Isso é particularmente importante pois, se levarmos em conta momentos anteriores da obra do nosso artista, é possível notar que o rapper adotava uma postura reticente ao falar sobre o comunismo.

Pois bem, em *Aquela Fé*, canção de 2017, é marcante o verso no qual o artista canta que “Tem dias que eu acho tudo inútil, nossa melhor versão é puro ego, fútil. Uma luta contra o mundo pra fazer parte do mundo que cê luta contra, o quanto tudo é vulto. Eu devo tá errado, eu sou comunista e curto carros.” (DON L, 2017)⁶. Ademais, um ano depois do lançamento do *RPA 3* (2017), na música *Verso Livre nº 2(018)*, Don L pinta um cenário no qual é confrontado por pessoas que o questionam: “Ah, cê quer fazer uma grana? Disse que era comunista. Rei do gueto, esquerdista, e o governo é golpista. Mas cê vende seu som, né não? De repente quer um visto internacional e uma vida de artista.” (DON L, 2018)⁷

Diante disso, está claro que, mesmo nutrindo uma certa simpatia pelas ideias socialistas, Don L não deixava de vivê-las com uma dose de contradição. Essa reticência, como sabemos, não é inexplicável, uma vez que certos mitos sobre o comunismo fincaram raízes na sociedade, sobretudo nos anos que coincidem com a ascensão da extrema direita no Brasil, sendo que um deles, que parece estar mais em evidência nas músicas antigas do nosso rapper, é o *mito do socialista de iPhone*. A ideia é relativamente simples: comunistas não podem usufruir das riquezas produzidas no capitalismo, porque eles são contra esse sistema político-econômico, ou melhor, ou modo de produção. Assim, todos os comunistas devem realizar um voto de pobreza e jamais usufruir da tecnologia disponível no sistema capitalista.

⁴ Trata-se de postular que os pólos opostos de uma ferradura acabam por se encontrar, de modo que a extrema direita e a “extrema esquerda” seriam “farinha do mesmo saco”.

⁵ Nos referimos, sobretudo, a nomes como Chavoso da USP, Jones Manoel, Sabrina Fernandes, Laura Sabino e Humberto Matos. *RPA, Vol. II* é anterior à ascensão de figuras que tiveram uma projeção ainda maior na internet, a exemplo de Gustavo Gaiófato e Ian Neves.

⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZYKJZBGIqnM>. Acessado em: 08/05/2024.

⁷ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Vg0vsprpLSQ>. Acessado em: 09/05/2024.

Ora, por mais inocente que essa tese possa parecer, não devemos subestimá-la. Trata-se de uma armadilha para apontar que os comunistas são hipócritas, e não é tão fácil assim responder esse tipo de acusação caso não se possua um certo embasamento teórico para explicar realmente o que significa o comunismo.

Por isso, em entrevista ao podcast *Revolushow*⁸, Don L afirma com todas as letras que a linha “eu devo tá errado, eu sou comunista e curto carros” aponta um impasse crucial que só viria a ser harmonizado em *RPA Vol. 2*. Complementando essa ideia, ele traz à tona que foi somente com a ajuda de educadores populares como Jones Manoel, Chavoso da USP e Sabrina Fernandes, ou seja, “com pessoas que colocaram as perspectivas socialistas de uma forma mais madura do que ele havia aprendido quando mais novo, que ele conseguiu entender que a visão do “comunista de iPhone” era deturpada, algo que ele não tinha como rebater naquela época, nem para si mesmo nem pras pessoas.”. Por conta disso, Don L admite que “se você não souber responder essas coisas, você pode se desiludir e achar que não tem como conciliar os seus sonhos com o agora.” (2021)

Vale a pena, portanto, entender como uma das principais referências de Don L lida com a polêmica do socialista de iPhone, até porque esse é um tema que concentra diversas deturpações sobre o socialismo de uma só vez. Sabrina Fernandes é uma economista que possui mestrado em economia política e doutorado em sociologia. No vídeo mais assistido do seu canal no YouTube, com mais de 500 mil visualizações, intitulado *Socialista de iPhone*, ela já inicia a sua exposição afirmando que, “quando os comunistas passam por cima do processo de exploração envolvido no meio de produção, justamente para defender o fim da exploração, isso não é hipocrisia, mas sim subversão, algo que o campo da direita deveria se preocupar quando a esquerda se especializa nesta prática.” (FERNANDES, 2019) Nossa autora insiste, ainda, que:

Socialismo não é sobre socializar pobreza como algumas pessoas mentem por aí. Se algumas experiências socialistas tiveram problemas com escassez no passado, inclusive crises pesadas, isso tem a ver com subdesenvolvimento das forças produtivas, impedimento de acesso a recursos e matérias primas por conta de embargos, conflitos geopolíticos ou até mesmo planejamento ruim. Mas isso não é o centro do que é socialismo. É sobre igualdade em expansão, chegando até o comunismo com o fim do Estado. (FERNANDES, 2019)⁹

Desse modo, é preciso deixar claro que no socialismo não existe a abolição da propriedade individual. Na verdade, o que deixa de existir é a propriedade privada dos meios de produção pela burguesia, ou seja, as grandes fábricas e grandes terras, o tipo de

⁸ Disponível em: <https://revolushow.com/135-eu-sou-don-l/>. Acessado em: 08/05/2024.

⁹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CL2matYOY1A&t=25s>. Acessado em: 09/05/2024

propriedade que dá poder a algumas pessoas sobre outras. Nesse sentido, com estes elementos que trouxemos da análise de Sabrina Fernandes, já é possível concluir que não há nada de errado com o fato de Don L, no seu processo de luta pela conquista de destaque na cena artística, usufruir dos bens que conquistou com o fruto do seu trabalho. Que fique claro que o trabalho jamais deixa de ser valorizado no comunismo ou no socialismo. Inclusive, é bastante conhecida a citação em que Marx, na sua *Crítica do Programa de Gotha* (2012), ao falar sobre a fase superior da sociedade comunista, declara que “a sociedade poderá escrever em sua bandeira: “De cada um segundo suas capacidades, a cada um segundo suas necessidades!” (MARX, 2012, p.33).

Ainda nesse contexto, durante a sua entrevista ao *Revolushow*, Don L destaca uma tese com a qual todos os apresentadores do podcast concordam: no Brasil, a arte é um tipo de trabalho precarizado. Com isso, em muitos casos, ficar rico é a única forma de uma artista assegurar o seu futuro, já que este tipo de trabalho não garante uma aposentadoria e ele é contra o modelo de previdência privada. De qualquer forma, adquirir estabilidade financeira fazendo da sua arte um instrumento de luta popular não é, em hipótese alguma, hipocrisia, mas tão somente subversão, uma arma importante para disputar os consensos que existem na sociedade como se apresenta hoje. Por essas e outras, na sua entrevista ao podcast *Lança a Braba* (2022)¹⁰, Don L se diz lisonjeado ao ser compreendido como um facilitador, através da sua arte, da luta anticapitalista.

Após termos colocado em perspectiva alguns dos dilemas que atormentavam Don L no que diz respeito à plausibilidade do socialismo, agora nos cabe responder uma pergunta: em que momento o nosso artista entrou em contato com essas ideias? Pois é fato que, mesmo que não transmitissem tanta segurança assim, tais ideias já o balançavam ainda no início da sua carreira. Com efeito, a explicação de tal influência se evidencia ao levarmos em conta a história da formação de Don L no rap. Como se sabe, apesar de ter nascido em Brasília, nosso rapper se mudou para Fortaleza muito novo, e foi nesta cidade que ele viveu durante maior parte da sua vida. Ora, em diversas entrevistas, Don L explica que, na capital do Ceará, o rap se organizava como movimento social, fator esse que foi determinante para que, desde o início da sua trajetória, ele fosse influenciado por um rap de caráter militante e panfletário.

Dentre os grupos de destaque na cena do rap daquela época, destaca-se o Clã Nordeste. Trata-se de um grupo que, nas suas rimas, fazia questão de denunciar a exploração sofrida pela classe trabalhadora nas mãos da burguesia e apontava de maneira

¹⁰ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ce3dE2pC3Cs>. Acessado em 08/05/2024.

explícita a necessidade de uma revolução socialista afro-brasileira. De fato, o álbum *Peste Negra*, lançado em 2003, exerceu forte influência na perspectiva artística de Don L. Cabe ressaltar que Lamartine Silva, um dos membros desse grupo, foi uma das primeiras pessoas a incentivar Don L a apresentar as suas rimas. Entretanto, a cena do rap em Fortaleza tinha um caráter tão político, tão militante, que o nosso artista afirma que não se sentia tão à vontade para divulgar as suas primeiras composições, já que estas tinham uma pegada, como ele mesmo afirma, “mais bandida, de rua.” Por conta disso, a participação inicial de L na cena foi aprendendo a produzir beats.

Apesar disso, eventualmente, Don L também se lançou como MC. E ele o fez não como artista solo, mas junto com o seu grupo, o Costa a Costa. Foi no ano de 2007 que eles lançaram a mixtape *Dinheiro, Sexo, Drogas e Violência de Costa a Costa*, um trabalho que de saída ganhou um destaque significativo na cena do rap nacional. Mas, apesar da forte influência da tradição do rap panfletário, como o do Clã Nordestino, a mixtape do Costa a Costa procurou realizar um trabalho, nas palavras de Don L, “mais artístico do que político” Nosso artista explica, em entrevista ao Opera Mundi¹¹, que, naquela época, que coincide com o início do segundo mandato presidencial de Lula, os movimentos sociais que faziam parte da cena do rap passaram a ocupar gabinetes políticos. Diante desse cenário, e notando que, apesar da orientação de esquerda do governo, a situação da favela não mudava de forma substancial e o encarceramento em massa aumentava cada vez mais, o Costa a Costa lança uma mixtape que, apesar de não possuir um conteúdo militante explícito, certamente não pode ser considerada a-política.

Se tivéssemos esse tipo de critério, de considerar político somente a arte que fala de partido e revolução, cometeríamos a heresia de afirmar que *Sobrevivendo no Inferno*, do Racionais MC’s, não é uma obra política. Nesse sentido, Don L afirma que o rap jamais é cooptado totalmente pelo sistema, pois, ainda que nos dias atuais exista uma tendência à exaltação da ostentação e das conquistas meramente individuais, o rap nunca deixa de destacar uma subjetividade que é constituída em certas circunstâncias sociais, circunstâncias essas que apresentam traços em comum com outros lugares do país e, inclusive, do mundo. Por essas e outras, um dos versos mais significativos da mixtape do Costa a Costa é o que traz a seguinte mensagem: “Fazer rap é igual em qualquer lugar. Tipo, toda luta é igual em qualquer lugar, primo. Se um pilantra reinar em qualquer lugar, vai tombar. Se um guerreiro

¹¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FFWn8mKNPRA>. Acessado em: 09/05/2024.

chegar, ele vai derrubar. É, Fortaleza é igual a qualquer lugar. Pra lutar, todo gueto é igual em qualquer lugar.” (2007)

Nesse mesmo sentido, Breno Altman, do Opera Mundi, questiona Don L sobre a interpretação de que há um percurso progressivamente politizante na sua obra. Isso porque, no primeiro trabalho de sua carreira solo, a mixtape *Caro Vapor* (2013), não existe um conteúdo militante explícito como em *RPA 2*. Por outro lado, em *RPA 3* (2017), surgem aquelas primeiras impressões sonhadoras sobre as ideias socialistas, como no caso de *Aquela Fé*, que já mencionamos, e na faixa *Cocaina*, onde consta a frase “mudou o mundo como Karl Marx quis.” (2017)¹². Contudo, apesar desta ser uma leitura com algum sentido, Don L defende que também existem elementos políticos em *Caro Vapor*, apesar de muitos considerarem esta uma mixtape hedonista. Nosso artista acredita que a diferença de *Caro Vapor* é que, ali, as ideias estão colocadas de um ponto de vista mais introspectivo. Ele defende, por exemplo, que *Chips* é uma música extremamente política, uma vez que além de apontar que devemos jogar o script e viver o agora, denuncia que “Chips controlam máquinas. Chips compram suas máscaras. E se consome chips como sonhos endolados em fábricas. Seus salmos são slogans e auto-ajuda não é bom assim.” (2013)

¹³Pensamos ser razoável defender que a mensagem central de *Chips* não é tão diferente assim daquela que dá o tom de *Primavera*, canção do *RPA 2*. Aqui, ouvimos que “A guerra que nos reaproximou de nós é a mesma que me pôs a repensar meus sonhos. O quanto neles era só publicidade? Fazendo acreditar que eram meus próprios planos” (2021). Ao que parece, Don L desde cedo teve o “instinto” de que havia algo errado com o modo de vida capitalista. A sua formação diferenciada no rap, portanto, o levou precocemente a entender quem controla o jogo político e quem molda os nossos sonhos através da publicidade. Por conta disso, é possível entendermos como ele conseguiu, em *Aquela Fé*, realizar, com um verniz artístico, uma análise de orientação marxista sobre o Estado. Lembremos que ele canta que:

E é real que incitam guerras pra vender as armas. Ocultam a verdade pra vender mentiras (dar as cartas). Os ricos são os donos do Estado, que ainda são os filhos dos senhores de escravos. Que dizimaram os índios, compraram os revolucionários ou mataram. Em nome de um Cristo como o de Bolsonaro (ao contrário). Um que não tem amor, ao contrário. Tudo deturpado. Ingenuidade minha, né? (DON L, 2017)

Afirmamos que esta é uma análise de viés marxista sobre o Estado porque ela resguarda a essência do argumento desenvolvido pela tradição iniciada por Marx, sobretudo

¹² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fC1BdamcQYk>. Acessado em: 09/05/2024.

¹³ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=B6_TP-20iww. Acessado em: 09/05/2024.

no século XIX e XX¹⁴, sobre a origem e a função do Estado. Note que Don L não afirma que os políticos são os donos do Estado, como a maioria da sociedade tende a pensar, mas sim os ricos, ou, em um sentido mais preciso, a burguesia. Até por isso, ao retomar essa análise na faixa *Pela Boca*, já no *RPA 2*, Don L canta que “os alemão são os que controlam o Estado: banqueiros e bilionários”. A tese é a seguinte: o Estado *conforma* o domínio da classe dominante, a burguesia, sobre a classe trabalhadora, justamente porque o Estado é o garantidor da reprodução do sistema capitalista. Por conta disso, Engels define o Estado, na introdução de *Guerra civil na França* (2011), texto de Marx, da seguinte forma: “o Estado não é outra coisa senão uma máquina de opressão de uma classe por outra, e isso tanto numa república democrática como numa monarquia.” (MARX, 2011, p.197). Em outro trecho, dessa vez da *Origem da família, da propriedade privada e do Estado* (1964), ele aprofunda esta tese do seguinte modo:

O Estado não é, de forma alguma, uma força imposta, do exterior, à sociedade. Não é, tampouco, ‘a realidade da Ideia moral’, nem ‘a imagem e a realidade da Razão’ como pretende Hegel. É um produto da sociedade numa certa fase do seu desenvolvimento. **É a confissão de que essa sociedade se embaraçou numa insolúvel contradição interna, se dividiu em antagonismos inconciliáveis de que não pode desvencilhar-se. Mas, para que essas classes antagonicas, com interesses econômicos contrários, não se entre-devorassem e não devorassem a sociedade numa luta estéril, sentiu-se a necessidade de uma força que se colocasse aparentemente acima da sociedade, com o fim de atenuar o conflito nos limites da ‘ordem’.** Essa força, que sai da sociedade, ficando, porém, por cima dela e dela se afastando cada vez mais, é o Estado. (ENGELS, 1964, p. 135-136)

Agora, do auge do momento mais marxista nos trabalhos prévios de Don L, podemos conectar finalmente com o *RPA Vol. 2*. Então, lembram de quando, em *Aquela Fé*, Don L sugere que deturparam a ideia de quem foi Jesus Cristo para sustentar projetos de opressão? É justamente com esse tema que a primeira música de *RPA 2*, *Vila Rica*, começa a propor a necessidade da reelaboração da história dos revolucionários, para, assim, construir novos sonhos. Esta música narra a revanche de um remanescente de uma comunidade originária que foi dizimada pelos colonizadores. Vale a pena lembrar que, em 1720, ocorreu a revolta de Vila Rica, atual Ouro Preto, motivada pela acentuação da exploração da metrópole sobre a colônia brasileira. Como se não estivessem saqueando o Brasil o suficiente, a metrópole portuguesa ainda passou a “cobrar o quinto”, um imposto de 20% sobre a cota do ouro que saía das casas de fundição.

¹⁴ No século XXI, é possível observar um aprofundamento das análises marxistas sobre o Estado. Sobre isso, consideramos a contribuição de Alysson Leandro Mascaro na obra *Estado e forma política* (2013) fundamental.

Para Don L, “cobrar o quinto” é fazer a justiça e não maquiagem a história de genocídio dos povos “originais e originários”. É não perdoar quem “crucificou em nome do crucificado”. Por conta disso, é preciso apontar a violência e a hipocrisia na qual consistia e ainda consiste qualquer empreendimento colonial: “Seu Deus é o tal metal, é o capital. É terra banhada a sangue escravizado. Jesus nunca estaria do seu lado, faria mais sentido estar comigo.” (DON L, 2021)¹⁵ Portanto, o movimento inicial de *RPA 2* é reelaborar o nosso passado colonial para apontar as contradições que vivemos no presente. Don L entende, pois, que, com o devido distanciamento histórico, é possível reinterpretar a nossa situação atual, e assim notar, por exemplo, que a história do ciclo do ouro não é tão diferente assim do que estamos vivendo no presente com o desmonte da Petrobras em prol dos interesses dos acionistas estrangeiros.

Passemos agora para a faixa seguinte, intitulada *A todo vapor*. Aqui, há a contemplação de todas aquelas ambições revolucionárias que um dia pareceram ingenuidade e vieram a se tornar realidade, justamente por ter se realizado o trabalho de manter os sonhos vivos. Don L canta que “Eu que um dia me senti um gênio quando imaginei a favela usar as armas dela naipes Marighella, já me sinto meio ingênuo naipes Marcinho VP do Santa Marta, acreditando em velha malandragem.”. Além de citar o histórico militante comunista brasileiro, Carlos Marighella, que foi assassinado pela ditadura militar, Don L faz menção a Marcinho VP do Santa Marta, um bandido que acreditava que o crime poderia vir a guiar a revolução no Brasil. Está em jogo uma estratégia que Don L utiliza durante todo o álbum: se fazer valer da fetichização que existe no rap em torno das armas para direcionar a revolta popular para um caminho diferente. Bom comunista que é, nosso artista sabe muito bem que as armas são parte essencial de um movimento de libertação nacional, por isso, ele avisa que “quando eu pedi pra alguém levantar a mão na minha tinha uma arma, e mesmo assim naquela mão era só pra me levantar meu chapa. Agora não, é pra voar (ah).”

Em *Pânico de nada*, as rimas que narram a revolução ganham tanta nitidez que se tornam imagens na mente de quem a escuta. É particularmente marcante o seguinte verso:

Nas ruínas da H Stern, achei um topázio a cara dela. Combina com aquela 47 da alça dourada que ela leva. AK do Guevara ao meu alcance, a dela é Sankara e nosso lance é Áfricamerica livre. Amor e luta, Queen e slim em Cuba. Assata Shakur em New Jersey, Tupac Amaru II e Micaela. Se a gente morrer valeu a guerra. (DON L, 2021)¹⁶

¹⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jUYvqBCWncY>. Acessado em: 09/05/2024.

¹⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=I1GCdQOY1Vw>. Acessado em: 09/05/2024.

Se torna gritante, portanto, que Don L se espelha na luta de revolucionários socialistas como Che Guevara, que foi uma figura central na revolução cubana, Thomas Sankara, o revolucionário marxista adepto do pan africanismo que liderou uma revolução em Burkina Faso, e Assata Shakur, a poetisa estadunidense que participou do Partido dos Panteras Negras, uma organização de caráter marxista-leninista. Além disso, Don L cita o líder da maior rebelião anticolonial da América no século XVIII, Tupac Amaru II e sua companheira Micaella, que batalhou igualmente de forma ativa neste processo de resistência conhecido como a Grande Rebelião.

Infelizmente, não teríamos condições de destrinchar todas as letras dessa obra prima que é *RPA 2*, mas deixemos claro que o álbum conta, ainda, com diversas citações valorizando figuras como Ho Chi Minh, o líder da revolução vietnamita, Mao Zedong, líder da revolução chinesa, e até mesmo Kim Jong-un, atual líder-supremo da Coreia do Norte, ou como os comunistas preferem chamar, Coreia popular. Ainda temos referências à Célia Sánchez, a revolucionária cubana, Frida Kahlo, a brilhante pintora que também era comunista, e a militantes comunistas brasileiros que lutaram contra a ditadura, a exemplo de Amaro e Aleixo, além do índio guerreiro Ajuricaba. Mas, diante dessa impossibilidade de fazer uma análise mais minuciosa sobre o álbum, ao menos vale a pena que fixemos o conceito desta obra.

O trabalho de Don L parte do princípio de que a maioria das pessoas já está convencida de que o capitalismo é um sistema que, inclusive, inviabiliza a vida humana em níveis básicos ao, por exemplo, na sua ganância por acumulação, destruir cada vez mais a natureza. Contudo, o nosso artista, muito inspirado nas ideias de Mark Fisher no livro *Realismo Capitalista* (2020), uma obra que ele sempre cita, não se dá por satisfeito com todos esses panoramas distópicos que a cultura nos oferece e que fazem parecer que é mais fácil enxergar o fim do mundo do que o fim do capitalismo. Por isso, Don L adverte: “enquanto o mundo acaba? Não. Enquanto recomeça.” (DON L, 2021)¹⁷ É preciso, pois, parar de gozar com essas distopias de fim do mundo e começar a pensar em propostas de transformação, algo que os comunistas apontam há muito tempo.

E é justamente esse o papel que *RPA 2* cumpre e que acrescenta tanto na atual cena do rap quanto no debate político nacional. Don L sempre diz que “faz as músicas que ele precisa ouvir para se motivar em busca dos seus sonhos.” Assim, tornar plausível a possibilidade de um mundo novo se torna uma ferramenta importante para um rap que, na cena atual, muitas

¹⁷ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gu2kLqny5iY>. Acessado em: 09/05/2024.

vezes fica preso, como ele diz, numa certa “meritocracia de favela.” Ainda que seja importante celebrar as conquistas individuais, também é imprescindível ter em vista a situação coletiva.

E nesse sentido é importante ressaltar que o álbum precisava, além de ser musicalmente muito bom, ter estratégias persuasivas para ter o efeito que Don L esperava causar. Assim, não é à toa, por exemplo, que ele se utiliza dos áudios de um pastor nos interlúdios, pois, para ele, o pastor é uma figura capaz de conquistar uma multidão em questão de segundos, como era o caso de Martin Luther King e Malcom X. O recurso pelos visualizers também tem um propósito, trata-se de tornar essa alternativa desejável, ser esteticamente tão atraente quanto eram os panteras negras.

Para finalizar, não podemos fugir do que afirmamos no início. O álbum é, em grande medida, um remédio para um certo anticomunismo, uma autofobia, dentro da própria esquerda socialista. E é importante deixar explícito, em consonância com o que Don L declara no *Revolushow*, que este álbum não seria possível sem a influência dos educadores populares socialistas, especialmente Jones Manoel, alguém que se tornou um amigo de Don L e uma pessoa que ele “agradece por sua existência”, pois Jones, realmente, é um símbolo contra um certo academicismo que afastou a esquerda da classe trabalhadora. Assim, como último ato desta apresentação, gostaríamos de citar o artigo *Autocrítica ou anticomunismo? Aportes teóricos para compreender a autofobia na esquerda brasileira*, cujo autor é justamente Jones Manoel:

Apesar das assonâncias, autocrítica e autofobia constituem duas posições antitéticas. Em seu rigor, e até mesmo em seu radicalismo, a autocrítica exprime a consciência da necessidade de acertar as contas com a própria história: a autofobia é uma fuga vil desta história e da realidade da luta ideológica e cultural que sob ela ainda arde. Se a autocrítica é o pressuposto da reconstrução da identidade comunista, a autofobia é sinônimo de capitulação e de renúncia da identidade autônoma. [...] **A verdadeira autocrítica pressupõe um balanço crítico e científico sobre o nosso passado; combatendo a ideologia dominante, inserindo os erros de nossa história em um quadro histórico-concreto e valorizando o nosso legado emancipatório. [...] Se não defendermos criticamente a nossa história, ninguém o fará. O nosso passado será expropriado - como é a mais-valia dos trabalhadores - e o futuro, interditado.** (MANOEL, 2019, grifo nosso)

Referências bibliográficas:

- ENGELS, Friedrich. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado**. Rio de Janeiro: Vitória, 1964.
- FISHER, Mark. ***Realismo capitalista***. São Paulo: Autonomia Literária, 2020.

MANOEL, Jones. **Autocrítica ou anticomunismo? Aportes teóricos para compreender a autofobia na esquerda brasileira.** Revista Opera. Março, 2019.

MARX, Karl. **Crítica do Programa de Gotha.** São Paulo: Boitempo, 2012.

MARX, Karl. **A guerra civil na França.** São Paulo: Boitempo, 2011.